

ROTEIRO: "Raiva o incêndio"

Teatro Cultura Artística (2008)

Previsão de duração: 10 min

Olavo Bilac: Incêndio de Roma

Raiva o incêndio. A ruir, soltas, desconjuntadas,
As muralhas de pedra, o espaço adormecido
De eco em eco acordando ao medonho estampido,
Como a um sopro fatal, rolam esfaceladas.

E os templos, os museus, o Capitólio erguido
Em mármore frígido, o Foro, as erectas arcadas
Dos aquedutos, tudo as garras inflamadas
Do incêndio cingem, tudo esbroa-se partido.

Longe, reverberando o clarão purpurino,
Arde em chamas o Tibre e acende-se o horizonte...
– Impassível, porém, no alto do Palatino,

Neto, com o manto grego ondeando ao ombro, assoma
Entre os libertos, e ébrio, engrinaldada a frente,
Lira em punho, celebra a destruição de Roma.

[DEPOIMENTO DA MORADORA]

No dia dezessete de agosto de dois mil e oito, por volta de cinco horas da manhã, o corpo de bombeiros foi acionado para um combate a incêndio na Rua Nestor Pestana no centro de São Paulo. Projetado pelo arquiteto Rino Levi e inaugurado no início da década de cinquenta, o Teatro Cultura Artística estava em chamas.

Apesar do grande contingente enviado ao local, a equipe enfrentou problemas no início da operação. Mesmo já posicionados, os bombeiros não podiam iniciar o combate às chamas, como explica o coronel João dos Santos de Souza:

[DEPOIMENTO DO BOMBEIRO]

O incêndio teve início na Sala Esther Mesquita, a maior sala do **conjunto**, consumindo cenário e figurinos da peça *O Bem Amado*. Dois pianos foram destruídos, entre eles um *Steinway Grand Concert* Modelo D recém doado à associação e avaliado em cerca de 100 mil euros. Além disso, a água do combate ao incêndio danificou o acervo de fitas, programas e documentos.

[DEPOIMENTO DE PAULO CALUX]

"não sobrou nada do sistema de iluminação e ar condicionado"

[Mas o que realmente se perdeu no incêndio do Teatro Cultura Artística?]

Implantado num terreno de geometria irregular, o edifício era organizado em três pavimentos. A circulação de pessoas se dava por dois *foyers* que levavam as salas de teatro: no térreo a sala Rubens Sverner, com cerca de 300 lugares, e no primeiro andar a sala Esther Mesquita, com mais de 1000.

Rino Levi era entusiasta da engenharia acústica e tinha vasta experiência na construção de cinemas. O memorial do projeto deixava claro os cuidados na sala Esther Mesquita:

"A forma obedece ao tipo hoje corrente, com paredes e forro divergentes, a partir do palco. Ela é realizada com a preocupação de distribuir o som com igual intensidade em todos os pontos da sala. Para isso as paredes e forro são orientados para enviar a maior quantidade de ondas sonoras refletidas para os pontos mais afastados do foco de origem."

[DEPOIMENTO DO MÚSICO LEVI]

O arquiteto optou por manter a curvatura da fachada igual a curvatura da plateia, definindo assim a expressão plástica do edifício. O mural *Alegoria das Artes* de Di Cavalcanti foi vencedor de um concurso do qual também participou Roberto Burle Marx. Com 48 metros de largura por 8 de altura, o mosaico de pastilhas de vidro retrata as nove musas filhas de Zeus e Mnemósine, deusa da memória. No entanto há uma décima figura, mulher misteriosa, de identidade desconhecida.

[Qual será sua intenção?]

Falar do destaque do mural na paisagem, opção de restauro em demolir tudo e deixar o mural, trabalho de recomposição das pastilhas, indicar uma limpeza do entorno.

O projeto de Rino Levi coloca a área do painel numa posição elevada que pode ser vista desde a Rua Augusta, marcando uma paisagem urbana até então pouco verticalizada. As musas coloridas, em grupo ou solitárias, simbolizam o papel das artes segundo Di Cavalcanti. Edifício e painel transmitem uma mensagem inovadora enquanto espaço de cultura.

Porém, o mosaico *Alegoria das Artes* restou apenas como exemplo de resistência. Um novo teatro será construído no local, se utilizando do painel na composição da nova fachada. A demolição foi uma escolha consciente de projeto, pois o incêndio não destruiu todo o edifício. O escritório de Paulo Bruna, arquiteto que trabalhou décadas com Rino Levi, já projetava a reforma do teatro há três anos. O incêndio veio a calhar, abrindo caminho para o novo edifício.

[depoimento modernidade e tradição]

O painel começou a ser restaurado em 2010, revelando mau estado de conservação com inúmeras patologias provocadas pelo incêndio, somados a ação do calor e da chuva ao longo dos anos. A equipe de restauro remontou todas as pastilhas soltas, devolvendo as relações cromáticas e a luminosidade presentes na fachada que ocupou o edifício por quase 60 anos.

É difícil imaginar outra chance de construção de um novo teatro no mesmo local. Essa oportunidade abriu caminho para uma intensa campanha de captação de recursos, ainda não concluída. A subtração incendiária abriu precedentes para importantes mudanças no entorno.

[MÚSICA JAZZEXY]

A boate Kilt Shows era um sucesso na noite paulistana desde o início dos anos 70. A casa estava sempre cheia e sua arquitetura excêntrica chamava atenção de quem passasse pela rua Augusta. A proprietária Tânia Maciel, por ter se tornado a maior vendedora do uísque Black & White no país, foi convidada para conhecer a sede da destilaria na Escócia. A visita ao castelo da rainha Mary Stuart foi a influência definitiva para construir seu próprio castelo em terras paulistanas.

Mesmo sendo vizinha ao Teatro Cultura Artística, a boate não sofreu danos com o incêndio de 2008. A localização privilegiada fazia com que a casa continuasse bem frequentada, e o comércio das redondezas sabia muito bem aproveitar o valor dessa clientela. Porém, passados alguns anos, o incêndio não deixou de consumir também o castelinho. Num movimento de combate ao incômodo, o imóvel foi desapropriado e demolido, dando lugar a uma rotatória de acesso ao novo teatro projetado por Paulo Bruna.

O fogo só não fez desaparecer a clientela. A boate foi reinaugurada na mesma rua, a poucos metros do antigo castelinho, sem qualquer referência à arquitetura escocesa. Mulheres na calçada esperam seus clientes, diante de uma parede espelhada com luminoso neon em letras vermelhas. No interior, continuam os mesmos elementos: poltronas, sofás, sinuca e postes de dança. Os atuais proprietários preferem não se identificar.

[O PIANO E A SEPARAÇÃO]

O piano Steinway recém-fabricado tinha inscrito na sua lateral, em letras douradas, o nome de seus doadores: um famoso casal da alta sociedade paulistana. O empresário bem sucedido e sua esposa ex-bailarina, ex-pianista e desde-sempre-socialite formavam um dos casais mais ricos do país.

A doação do piano - avaliado em cerca de 100 mil euros - se deu em Abril de 2008 sob uma única condição: seu recital de estreia deveria ser realizado por um jovem pianista que também teve seus estudos patrocinados pela família. A condição foi respeitada.

[audio do pablinho falando]

Após cinco meses de uso, o piano foi completamente consumido pelas chamas. O incêndio também deixou a família muito abalada. Nos dias seguintes o empresário entrava em contato diariamente com a associação, garantindo prontamente outra doação do mesmo modelo de piano.

[som de fósforo → fogo]

Três anos depois veio a tona a separação do casal. Consumido pelas chamas do ódio, uma grande batalha de advogados foi iniciada entre o empresário e a socialite. Despejada da mansão de 5.000m², a socialite exigia metade do patrimônio do ex-marido, com o qual havia casado em regime de separação de bens. Entre os boatos, amigos a ouviam reclamar do forte interesse do ex-marido pelo jovem pianista, talvez alimentado por mais que seu grande gosto pelas artes.

Quantas histórias acabaram entre as cinzas da rua Nestor Pestana?